

ESCRITURAS DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Organizadores

Andre Rezende Benatti

Livia Santos de Souza

NOTA DOS ORGANIZADORES

Esta publicação contemplará ensaios e artigos em português e espanhol que tenham como foco as representações da violência na Literatura Latino-americana. A violência, que Hannah Arendt (*Sobre a Violência*, 2011) esclarece ser a ausência da autoridade e que por conta dessa ausência se exacerba no que há de mais instintivo no homem, e que desde os primórdios da história humana tem se feito presente. Há no ser humano a busca constante pelo domínio sobre outros homens e sobre as coisas, todavia quando não há controle sobre tal ânsia de poder de dominação, gera-se violência. Por outro lado, alguém sempre está ganhando poder com o descontrole e a violência de outros. Existe, por parte da crítica literária, uma necessidade de não restringir os estudos sobre a violência na literatura a debates que relacionam a violência a determinados eventos históricos. Há uma discussão que merece ser ampliada e que trata da presença da violência no cotidiano das relações humanas que estão representadas nas produções literárias latino-americanas e da configuração de como tais textos literários problematizam a violência a forma com que os autores têm se posicionado em termos estético-sociais através de uma perspectiva crítica de enfrentamento da prática violenta ou de uma postura passiva diante desta. Portanto, foram apreciadas de discussões cujo foco principal seja a representação da violência, em suas mais variadas formas, no contexto literário latino-americano.

Apresentação

A natureza estética da violência

Os textos que compõem este livro têm em comum, como explicitado em seu título, a violência na literatura da América Latina, uma violência experimentada de modo traumático a partir da chegada de espanhóis e de portugueses no século XVI. Fazemos questão de trazer à tona o aspecto traumático, tendo em vista que as experiências violentas se inscrevem na dimensão trágica da existência humana como potência, o que é transformado em uma relação assimétrica entre impotência e onipotência, especialmente nos tempos mercantilistas de conformação da origem do capitalismo, ou seja, o século XVI.

Expliquemo-nos mais detidamente, começando pelo significado, na tradição greco-latina, da expressão “violência”. A ação de violar estava intimamente ligada ao desvio, aos descaminhamentos de algo reconhecido como o equilíbrio natural e normal das coisas, por meio do emprego de meios externos e extremos. O que era/é esse equilíbrio? De modo bastante breve, é a confluência estável/estabilizada entre as forças da natureza e as forças da cultura, tendo como elemento comum o ser humano, sendo o próprio homem o promotor desse processo, especialmente com o nascimento da política. Segundo Marilena Chauí¹,

A política nasceu, portanto, quando a esfera privada da economia e da vontade pessoal do pai, a esfera da guerra e a esfera do sagrado ou do saber foram separadas e o poder político deixou de identificar-se com a figura do governante como pai, comandante e sacerdote, representante humano de poderes divinos transcendentais.

Os poderes outrora concentrados em figuras únicas (o pai, o rei, o comandante militar, o sacerdote) passam a ser aglutinados e organizados em instâncias cuja participação é facultada aos sujeitos – é claro que com algumas orientações proibitivas –, advindo daí a possibilidade de manifestações e deliberações coletivas sobre os assuntos pertinentes às sociedades. Onde está a violência nesse quadro? A nosso ver, ela reside na tensão entre as forças de uma natureza ritualística e as forças da cultura e na inata incapacidade humana de conciliação. Portanto, a violência seria potência.

As tragédias clássicas gregas colocavam em cena essa violência em potência, por exemplo, na impossibilidade de conciliação entre Antígona e Creonte no confronto sobre o destino do corpo morto de Polínice. Ao dar sepultura ao irmão, Antígona desencadeia a força externa e extrema das leis de Tebas, transgredindo, ainda em nome de uma sociedade cuja orientação era precipuamente religiosa, leis afeitas ao coletivo.

A ascensão do cristianismo – primeiro, na forma do catolicismo, depois, do protestantismo – na Europa cria condições para que a democracia de ascendência grega sofra alterações substanciais, metamorfoseando-se ou desaparecendo. Os reis passam a ter poderes absolutos; os interesses da classe burguesa orientam novos “preceitos

¹ O mito da não violência brasileira. In: ITOKAZU, Ericka Marie; CHAUÍ-BERLINCK, Luciana (Orgs.). *Sobre a violencia. Escritos de Marilena Chauí*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 31.

democráticos”. Em meio a esse estado de coisas, a violência deixa de ser potência para ser a brutalização dos considerados impotentes pelos que se acham onipotentes, inaugurando o trauma como categoria de relacionamento humano coletivizado.

A definição de Yves Michaud² nos parece acertada para a mudança de *status* da violência:

A violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais.

O empreendimento mercantilista de espanhóis e de portugueses incluiu, sob o subterfúgio da conversa à fé católica, a violência como forma de (co)ação dos sujeitos do admirável e rentável mundo novo. E não somente deles: cristãos-novos, mulheres retiradas de conventos, prisioneiros julgados nos mais variados processos e párias de várias espécies foram enviados para a América, padecendo sob a violência autorizada do Estado. Se as narrativas históricas se encarregaram de mostrar essa excrescência, o que fez a literatura?

A nosso ver, as literaturas hispano-americana e brasileira também representaram a face da violência. O que aconteceu é que durante muito tempo a crítica literária – com destaque para a brasileira – desviou seu olhar das marcas da violência registradas, seja de modo direto, seja dissimuladamente, nos textos literários, silenciando sobre eles ou invertendo o real. Por exemplo: o assassinio de Ana pelo pai na *Lavoura arcaica* é transmutado, a um só tempo, em represália ao comportamento lascivo e sedutor da filha/da mulher e em proteção dos valores da sagrada instituição familiar quando, em verdade, é a demonstração cabal da desigualdade de gênero e do poder do homem/do pai sobre o corpo da mulher/da filha.

Coletâneas como a ora apresentada cumprem o relevante papel de apresentar leituras que não banalizam a violência e despertem a comiseração do/a leitor/a, porém que acenam para possibilidades do que sua presença em textos literários pode representar. No limite, a violência representa a desumanização do humano.

Professora Doutora Rosana Cristina Zanelatto Santos – UFMS/CNPq

² *A violência*. São Paulo: Ática, 1989. p. 10-11.